

# CORREIO DA VOZ

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51  
—  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
—  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

## Jornaes Republicanos

O partido republicano tem, ha annos, um jornal bom. E' a *Lucta*. Temo-lo dito muitas vezes. E' havemos de dizê-lo, sempre que sêja preciso, emquanto o sentirmos. E' um jornal cuja leitura educa. Não se occupa de frivolidades. Não gasta tempo com escandalos, senão quando elles affectam os altos interesses da nação. Assim o fez, por exemplo, relativamente aos adeantamentos. Mas fê-lo d'uma maneira digna e convincente: não desceu a discutir a vida particular dos adeantadores, mas discutiu os actos da sua vida publica, apontando factos e acompanhando-os de argumentos esmagadores, como são os numeros. Cada um dos seus artigos, como ataque á obra dos governos monarchicos, valia mais do que uma duzia de comicios.

A *Lucta* apenas pecca, a nosso vêr, por não se exprimir com clareza, com energia, com desassombro, quando discorda d'algum acto do seu partido ou da orientação dos seus correligionarios. Di-lo, não ha duvida, mas frouxamente, recorrendo muitas vezes ao humorismo, levando a coisa para o pitoresco, sendo, em gerril, d'uma graça finissima, singular.

Parece-nos isto um defeito do jornal dirigido pelo notavel jornalista Brito Camacho. Mas tem virtudes que o compensam bem. E é dictado antigo — não ha formosa sem senão...

Tem o partido republicano um jornal bom no Sul. Em compensação, no Norte, até ha pouco, só tinha jornaes pessimos. Um já acabou. Até os proprios republicanos se envergonhavam de o lêr. A alguns o ouvimos nós confessar, não ha ainda muitos dias. O outro vae arrastando uma vida accidentadissima. Ainda no ultimo numero nos referiamos a elle. Não, para o elogiar. Mas, para extranhar a maneira audaciosa como se referiu ao monumento que brevemente vae ser levantado em Paris em homenagem ao nosso immortal Epico.

Até ha pouco tempo, a imprensa republicana do Norte em nada se distinguia da im-

prensa monarchica. Esta, em geral, era-lhe superior. Sentia-se, por isso, a necessidade de crear um jornal que correspondesse ao da capital.

Esse jornal apparece u, ha pouco. E' a *Patria*. Nem parece que veio substituir a *Voz Publica*.

Tem defeitos, não ha duvida. Mas tem virtudes que os compensam. Tem modos de vêr de que discordamos. Mas apresenta ideias, factos. Procura educar, orientar.

... Mas porque viriamos nós fallar dos jornaes republicanos? E' facil explica-lo.

Nós não nos cançamos de dizer que o partido republicano deve, antes de mais nada, cuidar de educar o povo. Ora, um dos principaes meios educativos é a imprensa. A imprensa que sabe cumprir o seu dever. A que o não sabe cumprir torna-se um perigoso factor de desorientação.

Quem se interessa pelo melhoramento da nossa vida politica, e consequentemente social, economica, financeira, vê que elle depende de causas complexas, entre as quaes avulta a educação do povo. Do povo, que poderá sêr bom, docil, trabalhador, mas que ainda não está preparado para exercer conscientemente a soberania que a Carta Constitucional lhe reconhece. E não está preparado nem para a exercer dentro da monarchia, nem dentro da republica.

Mas são os republicanos os actuaes educadores. São elles que estão mais em contacto com o povo. Este lê os seus jornaes. Vae aos seus comicios.

Se os oradores dos comicios forem creaturas mal orientadas, se os jornaes não forem escrupulosos, o povo recebe uma educação falsa. Em lugar de melhorar, peora.

Todos os que se interessam pelo bem estar da nação, devem, pois, desejar que toda a imprensa, mas particularmente a republicana, sêja honesta, bem orientada, exercendo uma função eminentemente educativa.

A *Lucta* e a *Patria* não são inteiramente isemptos de defeitos. Mas, tendo virtudes que os compensam, realisam, pelo menos em parte, a obra de educação que compete á imprensa. Estamos convencido d'isso. Dizendo-o, fazemos apenas justiça.

## 6 "Democrata" e o "Povo d'Aveiro"

Sob esta epigraphe escrevemos no penultimo numero um artigo em que dissemos essencialmente o seguinte:

O *Democrata*, jornal ignorado de provincia, começa, d'um momento para o outro, a ser lido com avidez. Como conseguiu despertar tanto interesse? Iniciando uma campanha pessoal violentissima contra o director do *Povo d'Aveiro*. Chamando-lhe os mais infamantes nomes e attribuindo-lhe os mais escandalosos factos em que envolve duas mulheres. O que significa da parte do nosso povo tanta avidez pelo escandalo? Degenerescencia. O que faz o *Democrata*, o que fazem todos os jornaes que adoptam os mesmos processos? Aggravam esse estado doentio.

Logicamente, condemnámos depois os processos empregados pelo *Democrata*. Censurámos todos os jornaes que os adoptam. Em especial, referimo-nos ao *Povo d'Aveiro*. Vinha a proposito: primeiro — porque o artigo do *Democrata* lhe dizia respeito; segundo — porque está no numero dos jornaes que mais accentuadamente empregam os processos que condemnámos; terceiro — porque precisavamos de declarar que haviam cessado alguns dos motivos que justificavam a nossa admiração por quem o escreve.

Ahi está, nos seus traços fundamentaes, o que dissemos no penultimo numero sob a epigraphe O *Democrata* e o *Povo d'Aveiro*. O que dissemos decientemente. Reconhece-o o sr. Homem Christo. Mas o que dissemos tambem com sinceridade. Convencido de que da nossa penna cahia a verdade e a justiça. Suppoz o *Povo d'Aveiro* o contrario. Mas não diz os motivos de tal supposição. Assim, pôde suppor o que quizer. Pôde mesmo fazer quantas afirmações lhe convierem.

Responderam-nos o *Povo d'Aveiro* e o *Democrata*. Com mais exactidão: aproveitaram o nosso artigo para voltarem a insultar-se. Usaram mais uma vez dos processos que condemnámos. Mais uma vez os censuramos.

Mas precisámos de fazer mais alguma coisa. Precisámos de provar que para o *Povo d'Aveiro* seria muito melhor que tivesse ficado callado, e precisamos de mostrar que o *Democrata* não interpretou bem algumas passagens do nosso artigo. Devemo-lo á nossa dignidade. Devemo-lo á missão que nos impuzemos. Por isso o fazemos.

O *Povo d'Aveiro* partiu do principio falso de que somos republicano. Não viu que, se fossemos republicano, não teriamos começado por censurar o *Democrata*! O *Democrata* que lhe dá para baixo! Não viu que, se fossemos correligionario de Affonso Costa, João de Menezes, Brito Camacho, não teriamos interesse em inutilisar a

obra do *Democrata*. Pelo contrario: que lhe fariamos reclamo. Que annunciariamos, como fez o *Mundo*, a 2.ª, a 3.ª, a 4.ª edição dum dos seus numeros!

Não somos republicano, sr. Homem Christo. Não pertencemos ao partido da republica, como não estamos filiado em nenhum dos partidos da monarchia. E note que não é a primeira vez que o dizemos. Temo-lo accentuado muitas vezes.

Mas, se fossemos correligionario de França Borges, João Chagas, Basilio Telles, como o senhor supõe, seriamos um republicano que condemna o seu partido, quando entende que elle não procede bem; que censura os seus correligionarios, quando reconhece que elles procedem mal. Mas tambem um republicano que elogia o seu partido, que elogia os seus correligionarios, quando o elogio é imposto pela verdade e pela justiça.

Isto não são apenas palavras. Temos condemnado o partido republicano por alguns dos seus actos. Temo-lo elogiado por outros. Elogiar por systema, condemnar por systema, isso é que não temos feito. Accusar indecentemente, elgiar pacoviamente, isso é que nunca fizemos. Nem havemos de fazer.

Mas nós não pertencemos ao partido da republica, como não estamos filiado em nenhum dos partidos da monarchia. Dissemos-lh'o e repetimos-lh'o. O senhor partiu d'um principio falso. Parece, portanto, que as conclusões falsas devem ser...

Mas continuemos...

Dissemos no penultimo numero que já sentimos admiração por quem escreve o *Povo d'Aveiro*. Que lh'a manifestámos, quando se nos offereceu oppotunidade, o que hoje não poderiamos fazer. E acrescentámos que a obra do sr. Homem Christo, nos ultimos tempos, se reduz á condemnação systematica, por meio de processos que ninguem chamará decentes, de todos os republicanos portuguezes, especialmente d'aquelles a quem teceu as mais elogiosas referencias.

Admirámos o sr. Homem Christo, como redactor do *Povo d'Aveiro*, emquanto este jornal foi doutrinario, occupando-se de importantes problemas sociaes, tratando-os com sciencia e com clareza, procurando estabelecer a verdade, e educando, portanto; emquanto, occupando-se dos interesses nacionaes, se esforçou por orientar o partido republicano, segundo o seu modo de ver, com energia e com persistencia, discutindo mais factos do que homens, mas não discutindo nem uns nem outros por systema, nem servindo-se de processos immoraes.

Não teve o *Povo d'Aveiro* uma phase em que foi isto? Seria talvez um episodio na sua vida. Talvez. Não o podemos afirmar, porque o conhecemos ha muito pouco tempo, relativamente á sua já longa existencia de vinte e tantos annos.

Hoje, o *Povo d'Aveiro* é outro. Tudo o que nelle se tem escripto ultimamente se resume n'isto: os republicanos portuguezes são todos canalhas. Todos: os das cidades, os das villas, os das aldeias. Diz-se

isto em todos os numeros, diz-se isto em todos artigos. E já se disse por aquellas mesmas palavras! Vimo-lo transcripto no *Democrata*.

Diz-se isto dos republicanos. Mas poderia dizer-se de todos os homens d'um partido monarchico, ou mesmo de todos os monarchicos. O facto, para nós, era essencialmente o mesmo. Dizia-se só isso, dizia sempre isso, adoptavam-se os mesmos processos que agora se adoptam? A nossa attitude era a mesma.

Para o sr. Homem Christo todos os republicanos são actualmente canalhas. Mil vezes o tem affirmado. Mas não o affirmou sempre. D'alguns até disse, d'uma maneira inilludível, exactamente o contrario. A alguns até fez incondicionaes elogios ao seu talento e ao seu caracter. Fê-los a Bernardino Machado. A Affonso Costa. A Duarte Leite. A muitos outros. Elogiou até França Borges e o seu jornal.

Não ha tempo nem espaço para transcrever tudo. Nem é preciso. Basta isto:

*Começou no parlamento a discussão do convénio e segue no meio de largas referencias dos jornaes.*

*Ainda ha dias os jornaes apregoavam, como excellente, uma referencia feita no Porto pelo sr. Dr. Duarte Leite. Devia ser boa, na verdade. O sr. Duarte Leite é um homem de verdadeiro caracter e de verdadeiro talento, um dos raros que nobilitam a causa republicana em Portugal. Como homem de talento sabe o que diz. Como homem de caracter é incapaz d'uma affirmacão que não esteja d'accordo com a sua consciencia.*

Não será isto elogiar um homem incondicionalmente, peio que diz respeito ao seu talento e ao seu caracter? Não pôde haver duas opiniões, sem offender a verdade. Mas diz-nos o sr. Homem Christo que nunca elogiou ninguem incondicionalmente. Julgue-o quem nos ler.

O sr. Homem Christo até a França Borges e ao *Mundo* teceu elogios. Veja-se:

*Este nosso collega (O Mundo), um dos jornaes de maior peso no partido republicano, conta mais um anno de existencia.*

*O Mundo, que pela sua corajosa propaganda republicana tem sabido conquistar a sympathia do publico, vae no proximo semestre, installar-se em edificio proprio na rua de S. Roque.*

*Pela nossa parte, saudámos o intemerato jornalista e o jornal de que é digno director.*

Eis definidas a nossa situação relativamente ao sr. Homem Christo e a d'este senhor relativamente aos republicanos.

Serão identicas? Ninguem de boa fé o affirmará. Mas accentuemos melhor a differença que entre ellas existe.

Nunca conhecemos pessoalmente o sr. Homem Christo. Não temos conhecimento d'um unico acto da sua vida particular. Perdão! Co-

nhecemos os que o *Democrata* aponta, mas, porque temos por principio não fazer fé pelo que dizem os jornaes que seguem os processos do *Democrata*, podemos repetir com verdade que não conhecemos um unico acto da vida particular do sr. Homem Christo. Conhecemo-lo apenas como jornalista. A nossa admiração por elle não podia, pois, ser senão pelo talento, pela illustração, que revelava no seu jornal. E pela orientação que dava a este. Por mais nada.

D'esses trez motivos um cesso — a boa orientação que imprimia ao seu jornal. Ainda tem talento, ainda tem illustração. Estamos convencido d'isso. E dizemo-lo, porque, acima de tudo, somos justo. Mas emprega mal o seu talento, mas não faz uso da sua illustração. E os processos que adopta no seu jornal já não são os mesmos. Eram bons; agora são pessimos. Já não o admirámos, portanto, como jornalista. Como homem — nunca o admirámos nem deixámos de admirar. Não temos motivos nem para uma coisa nem para outra.

O sr. Homem Christo conheceu pessoalmente alguns dos homens mais em evidencia no partido republicano. Conviveu intimamente com elles. Fez-lhes por varias vezes elogios. A alguns — elogios incondicionaes, como provámos.

Em certa altura, o sr. Homem Christo affasta-se dos republicanos. Deixa de conviver com elles. E inicia uma campanha affrontosa da dignidade de cada um e da dignidade de todos. Uma campanha que crystallizou nesta phrase, para nós já historica: *todos são canalhas; todos: os das cidades, os das villas, os das aldeias.*

A nossa situação perante elle e a d'elle perante os republicanos serão identicas? Ninguem, que tenha senso moral e senso intellectual, poderá de boa fé affirmar-lo. Nós não negamos ao sr. Homem Christo o direito de gostar e deixar de gostar, o direito de admirar e deixar de admirar. Não! O que lhe negamos é o direito de affrontar a dignidade de todos os homens d'um partido.

Decerto o sr. Homem Christo ainda não esqueceu as affirmações que fez no seu jornal, não ha ainda muito tempo, sob o thema — *Jesuitismo laico.*

Além d'outras, fez esta:

*Entre os jesuitas ha homens bons. Sustentar o contrario, partir do principio de que todos são perversos pelo unico facto de pertencerem á Ordem de Jesus seria mais do que uma injustiça: seria um absurdo.*

Pois nós, paraphraseando, diremos:

Entre os republicanos ha homens honestos. Affirmar que todos são canalhas pelo unico facto de pertencerem ao partido republicano, é mais do que uma injustiça: é um absurdo.

Absurdo que o sr. Homem Christo commette todos os dias.

Com as suas proprias palavras o condemnamos: o director do *Povo d'Aveiro* não é só injusto: sustenta um absurdo.

Não lhe negamos o direito de gostar e deixar de gostar, de admirar e deixar de admirar. O que lhe negamos é o direito de conscientemente sustentar — um absurdo! E, para mais, sustenta-lo por processos indecentes! Por processos immoraes!

Provámos que a nossa situação perante o director do *Povo d'Aveiro* e a d'este senhor perante os republicanos são absolutamente differentes. Reconheça-o, sr. Homem Christo, que reconhece só a verdade.

Foi partindo da hypothese falsa de que ellas são identicas e do principio tambem falso de que nós somos correligionario de Theophilo Braga, Manuel d'Arriaga, Consi-

gleri Pedroso, aliás homens dos mais notaveis d'este paiz, que o senhor nos chamou *parvo e mariola*...

Em Portugal não se póde ser justo, não se póde ser honesto. Quem teimar em sê-lo, passa por tolo e por pacovio. Já o sabiamos, sr. Homem Christo. Já o sabiamos.

Mas o senhor partiu de principios falsos. Provámos-lo. As conclusões são necessariamente falsas.

Talvez o senhor tenha que responder-nos. Não queremos dizer o contrario. Mas, se responder-nos, faça-o com dignidade, com nobreza, com decencia.

Note mais uma vez que não falla com um republicano. Convença-se antes que falla com quem é capaz de confessar-se vencido, quando o vençam com factos; quando o vençam com palavras que representem a verdade e a justiça. Somos capaz d'esta lealdade, sr. Homem Christo. Somos capaz d'esta lealdade para quem fôr digno d'ella. Convença-se d'isso.

\*

O que dissemos no penultimo numero a respeito do *Povo d'Aveiro* já o deviamos ter dito. Assim falla o *Democrata*, fundando-se na supposta confissão da nossa parte de que já conhecemos aquelle jornal ha muito tempo.

Não confessámos tal. Entendamo-nos: o nosso conhecimento do *Povo d'Aveiro* data d'ha pouco tempo relativamente á sua já longa existencia de vinte e tantos annos. E neste mundo tudo é relativo.

Não poderíamos, portanto, fazer a confissão de que falla o *Democrata*, sob pena de mentirmos. E nós, apesar de termos vivido sempre em Portugal, ainda não nos habituámos a mentir.

O nosso jornal appareceu ha perto de seis annos. Durou uns treze mezes, ao fim dos quaes tivemos de suspendê-lo. Nesse tempo não liamos o *Povo d'Aveiro*, a não ser uma vez ou outra, quando o encontravamos na mão d'algum amigo. E d'essa leitura temos esta impressão: o *Povo d'Aveiro* era nesse tempo outra coisa que não é hoje.

O nosso jornal reapareceu ha um anno. Já liamos o *Povo d'Aveiro* e continuámos a lê-lo. Accrescentemos: hoje lêmo-lo apenas por dever de officio.

Esta é a verdade. E verdade é tambem que, neste curto lapso de tempo, já censurámos por varias vezes o *Povo d'Aveiro*, pela simples razão de que por varias vezes temos censurado todos os jornaes que seguem, d'uma maneira geral, processos identicos aos seus. Censura directa, especial, só a fazemos quando se nos depara oportunidade. Quando surgem motivos especiaes. Já censurámos directamente o *Jornal de Noticias*. Ainda no ultimo numero censurámos directamente o *Norte*.

E, quando fazemos censura directa, não temos receio nenhum de affirmar o que julgámos ser a verdade.

Agora, por exemplo, até chegámos a dizer que o Estado, se comprehendesse a sua função educativa, intimaria o *Democrata*, intimaria todos os jornaes, que seguem os mesmos processos, a mudar de orientação.

Interviria legitimamente. Dissemo-lo e repetimo-lo. E com mais auctoridade, estamos convencido d'isso, sendo advogado e professor do lyceu, (1) do que se fosseamos sapateiro ou alfaiate...

(1) Vide *Democrata* de 14 de novembro de 1909.

**ABC** illustrado  
POR  
**ANGELO VIDAL**

A' venda em todas as livrarias.

## D'ALÉM-MAR

Loanda, 26-10-909

Vá lá, não quero esquecer-me do «Correio do Vouga» e, já que se dignou publicar a primeira correspondencia, ali vae segunda de Loanda, para tranquillidade dos nossos amigos que em todos os paquetes instam commigo para que escreva. Porque as minhas cartas não tem dia certo, não vão julgar que a maior ou menor demora é indicio de doença ou saude. As cartas irão quando fôrem e serão lidas ou não, conforme o digno director d'este jornal as julgar ou não merecedoras de serem publicadas.

E' certo tambem que não posso satisfazer todas as curiosidades, aliás muito justas, nem sei mostrar-lhes, como se aqui estivessem, o que é a cidade de Loanda.

Direi, pois, simplesmente o que toda a gente sabe. Loanda é uma cidade... africana... quente... com pretos e brancos á mistura. Apresenta um duplo aspecto e tem dois bairros perfeitamente distinctos. Vista do mar, e em conjunto, é linda, e quem a habita não a acha bem assim; de noite parece deslumbrar pela sua illuminação e, quem de perto quizer vêr um candieiro accessõ quasi que tem de raspar um phosphoro.

Tem alta e baixa; avenidas e ruas estreitas; jardins com odoríferos canteiros, e cantos que não tem nada d'isso; possui predios elegantes, onde as bandeiras fluctuam ao vento e pardieiros réles, onde já nem o vento encontra resistencia.

A sua população, como que influenciada do meio em que vive, apresenta tambem differenças phisicas e moraes muito notaveis.

Ha brancos e pretos. Brancos fidalgos, alegres, prazenteiros, irreprehensivelmente vestidos, ostentando ao sol seus fatos claros e as suas charlateiras luzentes, e brancos emagrecidos, descolorados, cabisbaixos, tristes, como o remorso, arrastando o ferrête de condemnados.

Pretos a *puchar* a civilizados, calçando e vestindo á europeia, sobraçando documentos, pedindo empregos e reclamando a *autonomia*, e pretos afferrados aos costumes indigenas, usando tanga e carregando a tipoiá. Mulheres varrendo as ruas, fumando cachimbo e fallando *kimbundu*, numa attitude indifferente a tudo o que se passa, envoltas em pobres pannos que o vento esfrangalha e trazendo ás costas os pobres filhinhos. Os rapazes alegres, afinados, travessos, como em toda a parte, pedindo *lindos* e saboreando golodices. Eis o que se nota de principio, mas ha muito que reflectir sobre tudo isto.

Qual a razão da differença, ao atrazo entre o homem e a mulher de côr! Emfim, ha pretos sociaes, mas as mulheres parece estarem muito longe d'isso ainda.

Inquirimos do que se tem feito para levantar a mulher preta, e... só muito perto de nós, começou de se pensar nisso.

O europeu, em geral, vem aqui para se demorar pouco tempo. Trata dos seus negocios e quanto mais favoravelmente estes lhe correm, mais depressa retira. Serve-se do que lhe pode dar algum fructo, d'onde possa haver interesses. Raro constitue familia. Chama o preto para seu auxiliar, veste-lhe umas calças, dá-lhe um paletot, põe-lhe um bonnet, arma-o em esquadreiro, faz d'elle um bom creado e paga-lhe o seu salario. Mas, quando retira, este se não tem quem o chame, volta aos primitivos costumes e aos vicios a que o meio arrasta. Livre d'isto pouco mais se tem feito. E á mulher nem outro tanto. Podia a senhora europeia ensinar á mulher africana a lavar e engommar a roupa, a reparar os vestidos e confeccionar

outros, ensinar-lhe a arrumar uma casa e tratar dos labores domesticos. Mas não aconteceu assim.

No interior é o homem que fia e a mulher quem cava. Na cidade é esta ainda quem faz a limpeza ás ruas e o homem quem passeia. Encontra-se, pois, numa triste condição. Sente-se a falta de attenção sobre este ponto. Felizmente que uma senhora portugueza, por todos os titulos digna e respeitavel, abriu com estes preconceitos, concorrendo com a sua accção valiosa para a fundação de dois estabelecimentos, de largo alcance social, por virem obviar a muitos e grandes males. São as officinas e a escola do Carmo e as das Incombotas. Esta para meninas, aquellas para rapazes. Fallemos d'estas.

O bairro das Incombotas, que é propriamente o bairro indigena, é bastante populoso e pobre.

Vivem ali, sob tectos humildes, milhares de desgraçados, consumindo o producto do seu trabalho em alcool, que lhes era fornecido por nada menos de 12 tabernas, pertencentes a condemnados ou ex-condemnados e que eram outras tantas escolas de desmoralisação e de vicios. Não havia lei que fchasse aquellas *escolas*, nem estabelecimento algum profissional que arrancasse aquelles centenas de creanças daquelle ambiente deletorio. Ha dois annos, conjugados os esforços daquelle nobre senhora, de seu marido, então governador Geral da Provincia, do Prelado diocesano, do dr. e Conego Cunha e alguns outros, fundaram-se as officinas do Carmo, adjunctas á Igreja do mesmo nome. Estas foram entregues ao rev. Parocho daquelle Igreja, que auxiliado por outro leccionam ali centenas de creanças, vigiam pelas officinas, a que dedicam todos os seus esforços. Ali os instruem á custa de muito esforço e muita paciencia. Depois de instruidos e tendo alcançado a idade em que o trabalho, embora leve, não impeça o desenvolvimento physico, são admittidos nas officinas, onde gratuitamente e á sua escolha podem aprender um officio, uma arte, com que mais tarde lhes seja facil ganhar honradamente o preciso para a vida.

Para os arrancar de antigos vicios e evitar que de futuro a elles voltem, é-lhes, ao mesmo tempo, ministrada uma educação religiosa e civica, com conhecimento da nossa lingua e fazendo-se-lhes brotar na alma o sentimento e o amor pela nossa Patria. D'ali teem sahido já rapazes regularmente habilitados e que tem obtido collocação em logares publicos e em officinas de particulares. Despertase-lhes o gosto pelas *bellas-arts*, havendo já uma banda de musica.

Ao visitar aquelle estabelecimento fica-se agradavelmente impressionado pela ordem e asseio que se nota, aspecto risonho e feliz que todos mostram e pela maneira edificante, como todos confraternisam, e só se tem pena de ser ainda grande a falta de machinas modernas e aperfeçoados com que pudessem confeccionar toda a obra de que os encarregam e que não obstante vão arranjando de maneira a creditar bem o estabelecimento.

(Conclue no proximo numero).

Manaus, 22 de Outubro

Em sessão ordinaria encerrou os seus trabalhos, no dia 9, o Congresso Amazonense.

A lista apresentada pelo partido republicano federal para o novo triennio de 1910-1912 é constituída pelos srs: Monsenhor Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho, coroneis Raymundo Affonso de Carvalho, Antonio Francisco Monteiro, Antonio Guerreiro Antony, José Gonçalves Dias, Tito Coelho de Miranda Leão, Hildebrando

Luiz Antony, Avelino Augusto Martins, Manuel Ramos d'Oliveira, Bento Ferreira Marques Brazil, Manuel Antonio Garcia, Domingos José d'Andrade, Joaquim de Barros Alencar, José Furtado Belem, Secundino da Silva Salgado, capitão Manuel do Nascimento Pereira de Araujo, Drs. Fernando Castella Simões, Virgilio Ramos, Adolpho José Moreira, Jonathas Pedrosa, filho, José Duarte Sobrinho, Adelino Cabral da Costa, Joaquim Cardoso de Faria e Manuel Antonio Grangeiro.

A lista apresentada pelo partido revisionista é constituída pelos srs.: Dr. Adriano Augusto d'Araujo Jorge, Dr. Ricardo Matheus Barbosa d'Amorim, Joaquim Francisco de Paula, Dr. Gerson Messias Correia, Jeremias dos Santos Jacintho, Dr. Alvaro de Castro Gonçalves, José Francisco Soares Sobrinho, José Luciano de Moraes Rêgo, Dr. Argemiro Rodrigues Germano, Francisco Laurentino Bomfim, Simão Trajano da Costa, José Ribeiro da Silva, Francisco Evaristo d'Oliveira Camara, Julio Verne de Mattos Pereira, Bento Figueiredo Tenreiro Aranha e José Cardoso Ramalho Junior.

Ainda foram apresentadas outras listas, mas estas são as mais importantes.

— Por lapso deixei de noticiar na minha ultima correspondencia o anniversario do sr. Rubens de Macêdo, o qual passou no dia 25 de setembro. O sr. Macêdo, que é um prestimoso auxiliar da policia civil, foi cumprimentado por numerosas pessoas de todas as classes. Pela nossa parte, apresentamos-lhe tambem as nossas mais cordeas felicitações.

— O dia 15 do corrente mez foi dia de festa para o nosso amigo sr. Domingos Tavares da Silva Junior, socio da importante firma Gouveia & Silva, o qual naquella data completou 29 annos.

Silva Junior, que é muito considerado e estimado, recebeu durante todo o dia cumprimentos dos seus amigos a quem offereceu um lauto banquete.

Eram 11 horas da manhã, pouco mais ou menos, quando os convidados começaram a chegar. Pouco depois, deu-se começo ao jantar, que decorreu no meio da mais viva alegria, trocando-se ao champanhe affectuosissimos brindes.

Dos assistentes occorrem-nos agora os seguintes: Angelo Joaquim de Gouveia, Carlos Vidal, Nestor Conrado José Ruiz Laureano Hernandez, Evaristo dos Santos, Antonio Gonçalves, Paulo Nogueira, Sebastião Pinto, Antonio Garcia, Manuel Alves de Bastos, Jayme Lopes de Figueiredo e quem escreve estas linhas.

E' nos grato reiterar ao nosso presado amigo Silva Junior os mais affectuosos cumprimentos, com o desejo sincero de que seja sempre muito feliz.

— Eram 2 para as 3 horas da madrugada do dia 19, quando diversos populares e policias, ao terem conhecimento d'um terrivel incendio no predio de Kalm Polak & C.<sup>a</sup>, deram alarme com tiros de revolver e pancadas nas portas gritando ao mesmo tempo — fogo! fogo! com o fim de acordarem os inquilinos do referido predio.

Pouco depois, appareceu o corpo de bombeiros que poucos servicos poude prestar, porque, além dos materiaes, de que dispõe, serem pessimos, o pessoal é diminuto.

Os habitantes da casa em que havia o incendio, apenas acordaram e viram o perigo que corriam, trataram de fugir, não tendo tempo de vestir-se, chegando um a sair para a rua completamente nu. Felizmente, todos salvaram a vida, mas perderam a maior parte dos seus haveres.

O predio incendiado compunha-se de varios estabelecimentos: «A Casa Armando», da firma Aranha & C.<sup>a</sup>, a «Alfaiataria Universal», de D. M. Velloso, «A Alfaiataria

do Commercio», «A Chapelaria Durey» e «O Salão Costa». Todos estes estabelecimentos estão seguros em varias companhias.

Ainda não está averiguada a origem do fogo.

— Fez, ha dias, annos, o sr. Alvaro dos Santos Pinto, filho do considerado commerciante d'esta praça, sr. Evaristo dos Santos, socio da importante firma Santos & Gonçalves. Muitos parabens.

— Completa 24 annos no dia 24 o sr. Carlos Ferreira Leite, digno empregado dos importantes armazens «Andressen», d'esta praça.

O sr. Carlos Leite gosa da estima e sympathia de todos as pessoas que com elle tem relações. E', portanto, digno de muitas felicidades. Sinceramente lh'as desejamos, cumprimentando-o, desde já, pelo seu anniversario natalicio.

— O telegrapho está interrompido desde o dia 20 do mez pasado.

Anibal C. F. Paiva.

NOTICIARIO

**Fallecimento** — Na madrugada do dia 15, falleceu, em idade avançada, a sr.<sup>a</sup> Maria Ferreira Coelho, mais conhecida por Maria Cotuluda, mãe do nosso presado conterraneo, ha annos ausente em Pernambuco (Brazil), sr. João Ferreira Coelho.

Nós, que sabemos quanta estima este nosso amigo tinha pela sua mãe, podemos avaliar a enorme dôr que lhe vae causar a noticia da sua morte.

Não ha palavras consoladoras em tão dolorosos momentos. Por isso nos limitamos a exprimir-lhe o nosso vivo sentimento pelo golpe que acaba de soffrer.

**Incendio** — Pela uma hora da madrugada de segunda-feira, manifestou-se incendio na estufa do nosso amigo e conterraneo sr. Manuel Rodrigues Fernandes Junior. O fogo apesar dos promptos socorros prestados por uma grande parte da população d'esta localidade, durou cerca de hora e meia, ardendo alguns taboleiros, alguma chicoria e parte do tecto da casa, prejuizos estes avaliados em 4000 a 50000 reis.

O sr. Manuel Rodrigues Fernandes Junior, que está muito grato a todos os seus conterraneos que lhe prestaram os seus serviços, pede-nos para darmos publicidade a este agradecimento:

*Manuel Rodrigues Fernandes Junior, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos os seus amigos e conterraneos que com tanta abnegação trabalharam, com risco da propria vida, na extincção do fogo que se manifestou na sua estufa, na madrugada do dia 14, vem fazê-lo por este meio, significando a todos o seu vivissimo reconhecimento e offerecendo-lhes o seu limitado prestimo.*

Eixo, 19-11-09.

M. R. Fernandes Junior.

**Irmandade das Almas** — Solemnisou-se aqui, na quarta-feira, com grande pompa, o anniversario da Irmandade das Almas. Houve officio, procissão e sermão pelo Rev. Rocha, de Fermentellos.

**Valle do Vouga** — Informamos d'Agueda que se trabalha alli activamente na construcção da linha ferrea do Valle do Vouga. Espera-se que seja inaugurada em junho do proximo anno, procedendo-se por essa mesma occasião á inauguração do Hospital.

**D'Além-mar** — Recebemos ultimamente noticias dos nossos conterraneos srs. João das Neves Martins, José Marques da Graça e Augusto Dias de Figueiredo, ausentes ou Brazil.

O primeiro, que era já assignante do nosso jornal, informamos de que fixou residencia na rua Aquidabam, n.º 73 (Rio Grande do Sul); os segundos, dizendo-nos que tiveram conhecimento do «Correio do Vouga» por intermedio d'um amigo, pedem-nos para lh'os mandarmos.

A todos, muitos agradecimentos pelas suas amabilidades, com o desejo sincero de que sejam muito felizes.

**Assumptos locaes** — Temos em nosso poder uma carta do sr. Antonio Simões da Silva, digno e habil pharmaceutico, a qual trata da supposta infracção ao accordo assignado pelos tres pharmaceuticos d'aqui sobre o descanso dominical.

Por absoluta falta de espaço, não a podemos publicar hoje. Pedimos, por isso, desculpa ao nosso amigo sr. Antonio Simões da Silva.

**Incendio da rua da Magdalena.** — A' hora em que o nosso jornal entra na machina, as ultimas noticias sobre o julgamento dos incendiarios do predio da rua da Magdalena, que já occupou doze audiencias, dizem nos que a de sexta-feira terminou pelo discurso do advogado de defeza do reu Eufrasio, sr. dr. Cunha e Costa.

Hontem devem ter replicado a defeza e a accusação, sendo de supphor que a sentença só seja dada amanhã.

**Automoveis.** — Foi na sexta-feira atropelado por um automovel, no Porto, o meretissimo juiz da Relação sr. dr. Candido Augustô d'Oliveira, que, no momento da queda, perdeu a falla, suppondo-se ao principio o seu estado grave. Felizmente, já recuperou o uso da falla e as lesões que soffreu não são graves.

**Roubo** — O gatuno que roubou os nossos conterraneos, srs. José d'Oliveira Lopes, o Serrado, e Mendo Linhares, já foi preso.

O objecto do roubo foi encontrado na taberna d'um tal Polonio, onde o gatuto costumava pernoitar, a qual fica na estrada da Oliveirinha a Mamodeiro.

Para averiguações, foram presos tambem o taberneiro e a mulher. E o celebre «Carapanto», que se julga ser companheiro do gatuno agora descoberto, porque companheiros já foram na cadeia, em Africa e até no regresso a Portugal. Devem entender-se, os dois desgraçados...

Os dois filhos do José do Serrado foram chamados á esquadra, a ver se reconheciam as roupas que haviam sido encontradas na taberna do Polonio. Reconheceram-nas logo e, não podendo conter a sua indignação contra o gatuno, deitaram-se a elle.

Consequencia: ficaram tambem presos.

Entre mortos e feridos alguns hão-de salvar-se. Mas ao «Carapanto», pelo menos, se está incriminado, ja é tempo de isolal-o d'uma vez para sempre (se a lei o permitir...) da sociedade.

Parece-nos que já deu provas bastantes de que é insusceptivel de regeneração. Ou então de que os meios empregados são improficuos.

Não o façam apodrecer n'uma penitenciaria; mas mandem-no para uma colonia agricola ou para a nossa Africa. Mas mandem-no para trabalhar. Para trabalhar com regularidade. Apenas com o descanso aconselhado pela hygiene. Ainda poderia ser util.

Ora, muito mal... Ficamos á espera de ver o que se faz.

**Falta de espaço** — A' ultima hora tivemos de retirar alguns originaes já compostos que serão publicados no proximo numero.

**Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal** — R. de S. Miguel, 36 — Porto

NOTICIAS PESSOAES

Délivrances

Deu á luz uma galante creança do sexo masculino a sr.<sup>a</sup> D. Cacilda Dias, esposa do sr. Aristides Dias de Figueiredo.

Cordeaes parabens a este nosso presado amigo e á sua ex.<sup>ma</sup> esposa, e muitas felicidades para o recém-nascido.

— Tambem no dia 12, deu á luz uma creança do sexo feminino a sr.<sup>a</sup> Maria Joanna Cypriano. Desejamos á recém-nascida uma vida cheia de venturas.

— Tambem, ha dias, deu á luz uma galante creança a sr.<sup>a</sup> Ignacia Coelho. Cordeaes parabens.

Estadas

Esteve, ha dias, no Porto, o sr. Manuel Francisco Athanasio de Carvalho, importante proprietario em Requeixo.

— Estiveram ultimamente em Aveiro os nossos conterraneos e amigos srs. Filipe Dias de Carvalho, Filipe Fernandes Trindade e José Fernandes Mascarenhas Junior.

— Estiveram tambem naquella cidade o sr. Manuel dos Santos Silvestre e sua ex.<sup>ma</sup> esposa e Manuel Evaristo Luiz Ferreira Junior, de Nariz.

— De visita ás suas ex.<sup>mas</sup> familias, estiveram aqui nos dias 14 e 15 os srs. Evaristo Fernandes Mascarenhas, Edmundo Coelho de Magalhães e Sebastião de Carvalho, intelligentes alumnos do lyceu d'Aveiro.

— Vindos do Estoril (Lisboa) encontraram-se entre nós os nossos amigos srs. Manuel Gomes Marques, Innocencio Coelho de Magalhães e Manuel Marques Quaresma.

— Esteve entre nós, retirando já para Coimbra, o nosso amigo sr. Dr. Diniz Severo Correia de Carvalho.

— Encontra-se em Aveiro, vindo da Costa-Nova, o nosso amigo sr. Manuel Luiz Ferreira d'Abreu.

— De visita ao nosso presado amigo sr. Aristides de Figueiredo, estiveram aqui a sua sogra, a sr.<sup>a</sup> D. Anna Dias, e suas gentis cunhadas, a sr.<sup>a</sup> D. Alzira Dias e a menina Micas Dias.

— Por lapso, não temos dado a noticia de que se encontra no Porto, onde frequenta a Escola de Telegraphia, o sr. Alfredo Morgado, filho do nosso amigo e conterraneo sr. José Dias Morgado, que se encontra ha nomeada de Lourenço Marques (Africa Oriental).

O sr. Alfredo Morgado, que foi proposto do encarregado da estação telegraphica d'aqui e que agora exercea identico cargo em Agueda, é um rapaz intelligente e muito sympathico pelo seu procedimento digno e correcto.

Desejamos que veja realizadas de pressa as suas aspirações.

Anniversarios

Pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 13, felicitamos o nosso presado amigo e conterraneo sr. David d'Albuquerque Rocha, brioso e distincto 2.º tenente da Armada, que em Africa tem prestado já relevantes serviços á patria.

Encontra-se actualmente o nosso illustre conterraneo na Guiné. Do coração estimamos que tenha passado com saude e alegria o dia do seu anniversario.

— Pelo mesmo motivo felicitamos tambem o nosso conterraneo e habil pharmaceutico sr. Aristides Dias de Figueiredo.

E' um dos nossos amigos de infancia que nos tem dado provas de muita estima. Não fazemos mais, portanto, do que cumprir um dever, abraçando-o affectuosamente no dia do seu anniversario, com o desejo sincero de que seja sempre feliz.

— Cumprimentamos tambem o nosso illustre amigo e dignissimo conservador da comarca d'Aveiro, sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, cujo anniversario natalicio passou no dia 17 do corrente.

Doentes

Passa incommodado o nosso amigo sr. Cesar de Miranda, filho do sr. Manuel Antonio de Miranda, do Barreiro, mas muito conhecido e estimado nesta villa onde esteve durante alguns annos, como empreiteiro da construcção da ponte sobre o rio Vouga.

Do coração desejamos ao seu dilecto filho e nosso amigo Cesar rapidas melhoras.

Pelas livrarias

O sr. Gomes de Carvalho, proprietario da conceituada e importante *Livraria Central*, de Lisboa, teve a amabilidade de offerecer-nos um exemplar do novo livro da sr.<sup>a</sup> D. Maria Velleda, intitulado *A Conquista*, e prefaciado pelo illustre democrata Antonio José d'Almeida, no qual a distincta escriptora recolheu alguns dos seus discursos e conferencias.

Não podemos referir-nos, hoje,

largamente ao trabalho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Velleda, como seria nosso desejo.

Limitamo-nos, portanto, a agradecer, muito reconhecidamente, ao sr. Gomes de Carvalho, a sua gentileza.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Troviscal (O. do Bairro), 18

Diz-se que ha por ahi quem pensa em comprar dois orgãos, um para a igreja e outro para a escola, do sexo masculino, sendo a respectiva despeza feita á custa d'um peditorio por toda a freguezia.

Diz-se, mas eu não acredito. Para que algum dos meus patriocios perdesse tempo a pensar na aquisição de semelhante luxo, que importaria na bagatela de mais d'um conto de reis, era preciso que não soubesse que, devido á grave crise vinicola e outras coisas mais, toda a freguezia, com felizes e raras excepções, vive uma vida arrastada, mal auferindo os meios necessarios para occorrer ás suas despezas obrigatorias. Ora eu não creio que haja por ahi alguém que desconheça esta pobreza que, afinal, não é só nossa; é de todo ou quasi todo o paiz, infelizmente.

Em meu entender, ninguem se deve preocupar com a compra de certo luxo, enquanto não possuir meios de sobejo com que satisfaça as necessidades de que a sua existencia dependa e enquanto souber que esse luxo destôa no seu todo. Parece-me, pois, que mais razoavel seria cuidar da installação da commissão de beneficencia escolar, que ha tanto tempo foi nomeada, mas que até hoje ainda não deu signaes de vida, que eu saiba, e angariar em seguida dinheiro para comprar fatos e livros ás creanças pobres da freguezia, que as ha por ahi, infelizmente, e que por tal razão não podem frequentar a escola, estando sujeitas, durante toda a sua vida, á condição de seres inferiores aos seus semelhantes. Mas nisto não se pensa e aposto mesmo que nunca se pensou. E por todo este infeliz Portugal se dão factos, d'esta natureza: trata-se apenas de salvar as apparencias e nada mais. Procura-se praticar um acto que faça barulho, pouco importando que elle seja ou não meritorio, pouco importando que elle se dê na devida oportunidade ou não. O caso é que elle echôe por esse mundo em fóra e que *com esse verniz* se escondam varias mazellas, se destruam, se desfacham más impressões. Eis tudo!

Pois melhor fóra que se instruissem e educassem devidamente todas as creanças, tornando-as conhecedoras dos seus deveres e dos seus direitos e capazes de cumprirmos aquelles e fazerem respeitar estes. Emfim, de fazer d'ellas, por meio d'uma instrucção racional, que as libertasse da mentira, homens do seu tempo!

E, uma vez attingido esse fim, porque todo o bom patriota ardentemente deve aspirar, compremsse orgãos, muitos orgãos mesmo, se dois não chegarem...

Bem se diz que ha lembranças que se assemblam a esquecimentos... — Gil.

Costa de Vallade, 17

O nosso amigo e honrado commerciante das Quintans, sr. Joaquim Mendes d'Araujo, vindo ha dias ás escuras, a descer a escada da sua casa, com um molho de foguetes, cahiu, soffrendo varias contusões, algumas de gravidade, principalmente na cabeça, pois bateu com ella em cheio nos degraus da escada.

Sentindo sinceramente a triste

occorrencia, desejamos que o sr. Araujo se restabeleça depressa.

— De visita á sua extremosa mãe, que está enferma, encontra-se aqui o nosso amigo sr. dr. José Rodrigues Sobreiro, digno conservador da comarca de Vagos.

— Seguiu para Coimbra, onde vae continuar os seus estudos, o nosso amigo sr. José d'Almeida Santos Costa.

— Tem experimentado algumas melhoras a sr.<sup>a</sup> D. Maria Candida Soares Sobreiro que, como noticiai, foi commettida por uma congestão cerebral. Oxala que se restabeleça em breve.

— Tem sido muito procurado aqui o *Democrata* que ultimamente abriu uma campanha de descrédito contra o director do *Povo d'Aveiro*, sr. Homem Christo.

Não concordamos com os processos adoptados pelo *Democrata*. Condemnamo-lo, bem como condemnamos o *Povo d'Aveiro* e todos os jornaes que seguem os mesmos processos. — Juvenal

CASA COSTAS

E' de Oliveira do Bairro O logar da Quinta Nova, Onde está a Casa Costas Com licores de toda a prova.

Sortimento em vinhos finos: Do Porto o Generoso, Vinho Lagrima e Reserva, Vinho Nupcias, delicioso.

O Moscatel da Bairrada Esse então não tem rival, Além de ser saboroso Dá saude, é estomacal.

Ha tambem o bom Champagne E Cognacs variados, Xaropes de puros succos Muito bons e quasi dados.

Ha o de Anaz e Ginja, Framboasas e Limão, Grenadina e Morango Que consolam o coração.

Ha tambem o de Banana, Tangerina e Capilé, Groselhas, Salsaparrilha E o bom licor de Café.

Visto fallar em licores Ha um grande sortimento De todos aquelles nomes E d'outros sem esquecimento:

Ha o d'Aniz e Canella, De Granito e Marrasquino, De Hortela-Pimenta e Kúmel, De Laranja, superlino.

Ha tambem licor de Rosa, E licor de Curagau, Ha Genebras, na Cervejas, E Escarchado que não é mau.

E tu, leitor, se quizeres Provar bem do que mais gostas Marcha já p'ra Quinta Nova, E procura a Casa Costas.

Esta casa sem rival, P'ra onde quer que tu fóres, E' a unica que possui FABRICA DE BONS LICORES!

**Subscrição** aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escollas officias d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Transporte . . . . .	115\$400
Jeronymo Fernandes Mascarenhas . . . . .	500
Manoel Lias Vaia Junior . . . . .	5\$000
Fernando d'Assis Pacheco . . . . .	10\$750
Augusto Silva . . . . .	1\$000
Sizenando do Carmo Oliveira . . . . .	2\$000
João Ferreira Coelho . . . . .	500
Um anonymo . . . . .	2\$000
Clemente Nunes de Carvalho e Silva . . . . .	5\$000
Somma . . . . .	142\$150

# LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

## Ultimas publicações:

### GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA

PARA  
USO DOS ALUMNOS  
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR  
ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . . 100 réis

Para festas das creanças

### Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

### MANUSCRIPTO

DAS  
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por *Angelo Vidal*

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por *Angelo Vidal*.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeiçoados de: Carteiros, Caixas metricas, Contadores etc. Esferas terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

### Manuscripto das Escolas Primarias

POR

*Angelo Vidal*

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

### A FAMILIA MALDONADO

POR

*VIEIRA DA COSTA*

E

### OS TRISTES

POR

*FRANCISCO BARROS LOBO*

*Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.*

### A B C

ILLUSTRADO

POR

*ANGELO VIDAL*

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Collecção de 12 quadros em papel, 306 réis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

### Bibliotheca Humoristica

## A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, cons-

tituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias



## AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

*Joaquim L. G. Moreira*

Agente de todas as companhias maritimas  
Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO



PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:  
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . . 1\$200  
« —semestre . . . . . 600  
Africa —anno . . . . . 1\$500  
Brazil —anno—(moeda forte) . . . . . 2\$200

### PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . . . 10 réis  
Communicados, cada linha. . . . . 20 »  
—  
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.  
—  
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

2.º ANNO—N.º 47

## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

*Em.º Int.*